

Consequências da Pandemia

Professor Antonio Marcelo Jackson: Olá a todos, estamos iniciando mais um Fórum Internacional de Ideias neste momento em que o mundo se vê enfrentando um dos grandes desafios, pelo menos dos últimos cem anos - depois da 2ª Guerra Mundial e da Guerra Fria, com certeza - que é a pandemia do COVID-19. Para analisar esta crise temos nossa Rosa Freire d'Aguiar, tradutora e que fala de Paris, Marina Marques, economista e Renato de Gaspi, cientista político, José Medeiros da Silva em Hangzhou, China, que foi o primeiro país a enfrentar a pandemia, e eu, Antonio Marcelo, em Niterói, no Rio de Janeiro. Dito isto, vamos iniciar o Fórum Internacional de Ideias com Rosa Freire. Por favor Rosa, fale um pouco da experiência de estar trabalhando e enfrentando a pandemia, como isso funciona?

Rosa Freire d'Aguiar: Obrigada a todos vocês, prazer Marina, Renato, José - que estou reencontrando, e Marcelo. Eu sou muito caseira e já tinha uma certa tendência a ficar confinada. Mas, uma coisa é o confinamento voluntário e outra é o compulsório. Aqui na França começou há cerca de 50 dias, dia 16, 17 de março de 2020 e, no início, calculavam que estava de 65% a 70% da população confinada, seguindo todas as regras. Algumas semanas atrás já calcularam 85% e, em breve, vão começar a “desconfinar”.

O meu dia a dia particular, na verdade, não mudou muito, porque eu estava com bastante trabalho em casa. Porém, estava pensando em ir para o Brasil no início de abril, mas esse projeto, obviamente, foi adiado.

Quanto aos trabalhos, acabei de fazer mais um livro sobre Celso Furtado, que já foi entregue à editora. Não sei quando vai sair, porque a programação de todas as editoras no mundo inteiro está virada do avesso, e voltei a um projeto que eu havia abandonado há 5, 6 meses, que é a tradução do Proust. A Companhia das Letras vai refazer toda a tradução da “Recherche du Temps Perdu”, os sete volumes. Eu não faço isso sozinha, na verdade, o projeto é do Mario Sergio Conti e eu estou fazendo junto a ele. Então, trabalho não vai faltar. Estou aqui confinada, sentindo falta, às vezes, de sair à noite, de encontrar os amigos, de tomar um vinho, de jantar fora. Isso tudo a gente sente falta; mas está dando para levar, estou me sentindo até privilegiada de ter trabalho para fazer em casa.

Professor Antonio Marcelo Jackson: Rosa, tenho acompanhado as crônicas que você faz, do ponto de vista de uma pessoa “quarentenada”, digamos assim. Confesso a você, antes de passar a palavra para a Marina, que fiquei muito tocado com seus textos, você escreve maravilhosamente bem. Mas, teve uma crônica sua que fiquei muito comovido, que é a que você cita um restaurante que frequentava, próximo ao seu apartamento em Paris. Você fala que é um daqueles restaurantes que se senta na mesa e pega a bebida da mesa ao lado - e é capaz do sujeito ao lado nem perceber isso, tamanha é a proximidade das mesas. E completa “não sei quando isso volta, se é que isso vai voltar algum dia”. Confesso, fiquei comovido com esse comentário, pela quantidade de coisas que isso envolve. Eu queria que, antes de passar a palavra para a Marina, você falasse um pouco dessas crônicas.

Rosa Freire d’Aguiar: Esse restaurante eles chamam aqui de “cabaré”. É uma espécie de café-teatro onde você come também. Pode entrar para jantar ou só para tomar um *drink*. E tem gente do espetáculo lá, tem cantores, mágicos... Então, de fato, as mesas são coladas. Mas, não é só na França, quem já veio aqui sabe como é; Berlim acho que também é assim, tudo muito juntinho. Você pega o copo do lado achando que é o seu, mas é o do vizinho. É muito triste você ver toda essa gente sem emprego porque não se sabe quando vão reabrir, não há previsão. Segundo se fala, a única possibilidade de reabertura é existir um espaço para cada cliente em torno de 4 m² (1 m² em cada direção). Mas, para restaurantes e bares, o convívio é o importante. Se você chegar em um restaurante e o outro está a um metro e meio de distância de você, não vai funcionar. O bom de restaurante é que você chega, pega a cerveja, brinda. Por hora, eu não vejo isso voltar, por isso vamos internalizando essas coisas. Automaticamente hoje em dia eu entro em um supermercado de máscara e me afasto das outras pessoas. Se tiver alguém, eu tenho um gesto de evitar. Acho isso muito ruim, espero que possamos voltar a dar a mão, um abraço. Aqui temos muitos psicólogos cuidando disso com muita atenção, pois existem muitas pessoas frágeis psicologicamente e que estão muito abaladas. Eles acham que é coisa para uns dois anos. Não falando da crise econômica mundial, que a gente vai falar aqui, mas eu digo a recuperação do lado psicológico das pessoas que estão sofrendo com essa falta de proximidade. E certamente ficarão sequelas.

Professor Antonio Marcelo Jackson: De fato é muito triste.

Fazendo a nossa roda girar, Marina, pergunto a você, como economista e morando em Berlim, como está enfrentando isso?

Marina Marques: Em Berlim as pessoas estão um pouco mais otimistas, as coisas estão melhorando. Mas, assim que começou a questão da epidemia uma das primeiras coisas que pensei foi “acho que agora os economistas vão realmente entender o que é incerteza”. Porque não é uma questão de risco, pois ninguém poderia calcular o que aconteceria amanhã. Isso foi muito especial no nosso caso, porque fomos muito afetados pela questão das fronteiras. Eu e Renato somos casados e ele doutorado em Budapeste (Hungria) e eu faço doutorado em Berlim (Alemanha).

Assim que a Organização Mundial da Saúde declarou pandemia, a minha mãe estava aqui comigo, ela veio passear uns dias, conhecer a cidade. Estávamos passeando para ela conhecer a Alemanha, em um trem voltando para Berlim quando minha mãe abriu o celular e falou “nossa, finalmente a Organização Mundial da Saúde declarou pandemia. Então, que bom que estamos voltando para casa, vamos ficar tranquilas”. Naquele momento, não havia a ideia de que a Europa seria tão rápida em declarar fronteiras fechadas - e uma das declarações da Angela Merkel (primeira-ministra da Alemanha) foi de que não iria fechar. Então, eu e o Renato ficamos muito tranquilos. De repente as fronteiras internas da Europa foram fechadas e não tínhamos ideia de quando reabriria. Minha mãe estava aqui e não sabíamos quando seriam os voos de volta para o Brasil. Então era uma completa incerteza e foram momentos difíceis.

Ao contrário da Rosa, não sou caseira. Desde o começo do meu doutorado, eu acordo, arrumo minhas coisas, vou à Biblioteca Estadual de Berlim, ou à biblioteca da Universidade, ou ao escritório...Eu preciso disso, de estar fora. E trabalho acadêmico, acho que vocês

devem concordar, é um trabalho muito coletivo. E, de repente, eu me vi aqui sozinha, e tive que reaprender a trabalhar. Por sorte, a gente tem as tecnologias que ajudam, mas foi um momento de completa incerteza e readaptação. Passo a palavra ao Renato.

Renato de Gaspi: Como a Marina falou, faço doutorado em Budapeste, mas a minha Universidade já estava passando por algo esquisito esse ano, pois estamos mudando de Budapeste para Viena, na Áustria, por motivos políticos.

De início tentei embarcar para a Alemanha achando que por eu ser esposo de uma alemã, pois a Marina tem a dupla-nacionalidade, que eu poderia passar - e negaram o meu embarque a primeira vez. Na segunda vez tive que falar com uma funcionária terceirizada, e que disse que eu não poderia embarcar. Falei com ela que a regra havia mudado, liguei na polícia, e tive que convencê-la que poderia embarcar. Três meses atrás se alguém falasse que isso aconteceria na Europa seria uma coisa impensável, inimaginável.

Mas, quanto ao combate à epidemia na Hungria houve muita polêmica por conta do Viktor Orbán (primeiro-ministro) fechar o parlamento húngaro. É interessante observarmos que os líderes de extrema-direita no mundo lidaram com isso de formas diferentes (e Orbán é um deles). Nós temos o nosso lidando de um jeito, ou não lidando, o Trump lidando de outro jeito, e o Orbán de uma maneira completamente diferente desses outros, porque ele agiu muito cedo, de maneira muito decisiva, usou isso a seu favor para ganhar mais poder, ao mesmo tempo que a percepção no país é que ele fez o certo, porque ele manteve a epidemia sob controle. Então, fechou o parlamento, mudou leis em termos de liberdades individuais e que não tinham a ver com a pandemia. Porém, a situação da Hungria é melhor que a de muitos países. Temos dois mil e poucos casos hoje, o que é muito pouco.

Agora, as implicações políticas dessa crise são bem grandes. Você vê um líder que levou ao limite o autoritarismo dentro da União Europeia e alguns pesquisadores até brincaram nas redes sociais que a UE finalmente ganhou sua primeira ditadura quando o parlamento foi fechado. Mas, é interessante como passou por baixo do radar. Se eu não estivesse na Hungria talvez eu nem ficasse sabendo. Ou ficasse sabendo e falasse “ah, é só um fato novo dessa pandemia”. Então a situação individual e a situação política estão muito conectadas, e talvez seja o momento de percebermos um pouco disso. Nós, enquanto indivíduos, somos muito afetados pelas decisões políticas que são tomadas, como foi o caso quando tentei embarcar para a Alemanha.

Professor Antonio Marcelo Jackson: José, a palavra é toda sua.

Professor José Medeiros: Olá, bom dia, boa tarde, boa noite. Aqui na China, já é noite. É um prazer enorme estar reunido aqui com vocês. Sobre o coronavírus, que começou aqui na China e mudou completamente a vida e o cotidiano das pessoas, vemos que agora ele está alterando a dinâmica de todo o mundo. Como a Rosa já disse, depois dessa pandemia o mundo não será mais o mesmo. A questão é saber que mundo surgirá depois disso, tanto na perspectiva das relações sociais, nas relações entre os Estados e também no dinamismo econômico. Penso que essa pandemia está mostrando que o mundo não estava tão preparado para enfrentar coisas relativamente simples, como o cuidar das pessoas, apesar de tudo que a ciência já desenvolveu. Nós estamos em um mundo que avançou muito na produção do supérfluo e esqueceu de garantir coisas essenciais.

Aqui na China, e não só na China, na Ásia. Eu digo, essa Ásia próxima, porque a Ásia é muito grande, mas incluindo a Coreia, o Japão... Essa Ásia com influência confuciana, ela lidou e está lidando bem com a situação.

Aqui toda a população foi mobilizada para enfrentar a pandemia, cada um contribuindo à sua maneira. Uns lutam ficando em casa, outros lutam saindo, outros lutam assegurando a produção, outros na distribuição. Interessante que aqui o abastecimento das cidades foi assegurado e em nenhum momento faltou nada. Também não faltou equipamentos médicos, como respiradores artificiais, etc. Não só a China, como eu falei, mas a Coreia do Sul e o Japão tiveram êxitos no controle da pandemia e na manutenção do dinamismo econômico e social. Isso mostra que essas sociedades parecem que tem o seu desenvolvimento econômico e de bens voltado também para a vida, para as pessoas.

Professor Antonio Marcelo Jackson: Quando começa o problema aqui no Brasil e, de minha parte, ainda tenho uma história particular: fiz uma cirurgia cardíaca no ano passado e fiquei afastado do trabalho durante alguns meses e, quando chegou março, voltaria a trabalhar, com alguns transtornos. Isso significou apenas duas semanas e meia de atividades porque no início da terceira semana minha esposa me ligou e disse que tudo levava a crer que o estado do Rio de Janeiro fecharia as fronteiras – e eu estava em Ouro Preto, Minas Gerais.

Tudo isso ocorre porque no Brasil temos um Governo Federal que não age, ou age muito pouco em relação à pandemia. Frente a isso, alguns estados começaram a agir de maneira autônoma do Governo Federal. Chega a ser surpreendente como Cientista Político pensar, por exemplo, o caso do Doria (João Doria, Governador do estado de São Paulo) e do Witzel (Wilson Witzel, Governador do estado do Rio de Janeiro), agindo de forma séria e sendo contrários a tudo o que falaram em suas respectivas campanhas eleitorais. Não estou aqui encantado por nenhum deles, pois sei exatamente a origem de cada um e as intenções de cada um. Mas, enquanto administradores, agiram de forma correta, e isso tenho que admitir. Com tudo isso, antecipei meu retorno e dias depois Witzel fechou as fronteiras.

Então, a primeira característica, fazendo uma comparação com o que o José acabou de dizer, é que não temos no Brasil uma ação coordenada. Isso é fato. Não temos uma ação do Governo central e dos governos estaduais trabalhando em conjunto.

A segunda questão diz respeito à sociedade fazendo uma comparação com as sociedades orientais ou com as sociedades europeias e tudo aquilo que o brasileiro, lamentavelmente, não é. Quando o José citou, agora há pouco, a questão da sociedade do Extremo Oriente, percebe-se sociedades bem ordenadas. No caso da Europa (deixo a Hungria por conta do Renato) são sociedades que talvez não tenham tanto ordenamento quanto as sociedades orientais, mas existe uma consciência de nação. Aliás, até lembrando, curiosamente, aquela disputa dos conceitos de Civilização e Cultura, que seria o embate entre França e Alemanha, lá na virada do século XIX para o século XX. O conceito de Civilização claramente, francês, e o conceito de Cultura, claramente vindo do romantismo alemão. Mas, ambos caindo em situações em que a sociedade ganha um espírito de corpo, de alguma forma. Já no Brasil, lamentavelmente, não temos isso. Por exemplo, vou pensar o caso da cidade de Niterói. A cidade de Niterói, enquanto organismo político, apresentou ações tremendamente corretas, a ponto de impedir, por exemplo, a entrada de veículos ou ônibus

na cidade, vindos de outros municípios. Niterói, realmente, quase fechou todas as suas fronteiras até a saída das pessoas. É comum, por exemplo, o sujeito pegar o ônibus que passa pela Ponte Rio-Niterói, que liga esta à cidade do Rio de Janeiro, ou então tomar a barca, que é o transporte público mais antigo do Brasil, ligando o centro de Niterói ao centro do Rio de Janeiro. Logo no início foi feito um controle da saída e da entrada dessas pessoas. Sem uma comprovação de que você morava em Niterói e que precisava trabalhar no Rio de Janeiro, você não entrava na barca e, muito menos, voltava à cidade. Mesmo com tudo isso o que se percebe nas ruas com o passar das semanas é que há um afrouxamento dessas preocupações. Um exemplo: eu precisei ir ao supermercado outro dia lamentavelmente existiam aglomerados de pessoas dentro da loja. Comprando pela Internet o tempo de espera pode chegar a 20 dias. Então, não é possível comprar coisas que são de emergência. Nós temos esse problema sério aqui, que destoa bastante da situação que vocês têm na França, na Alemanha e na China. De um lado, uma ação desgovernada, um caos, ou algo que beira o caos administrativo, em termos da relação do governo central e das unidades da federação. E do outro lado, uma questão cultural, em que a população ainda não percebeu a gravidade do problema.

É claro que quando você tem a tempestade perfeita, um desgoverno, que não se articula com os governos estaduais, e também uma questão cultural, há um problema bastante sério. Dito isto volto a palavra para a Rosa. Fique à vontade.

Rosa Freire d’Aguilar: Eu estou surpresa. Tinha uma ideia vaga; mas uma coisa é você ler pelos jornais e outra coisa é ouvir o seu depoimento, muito lúcido e muito certo. Enfim, é muito impressionante, porque é muito pior de que a gente pensa quando você começa a falar na prática. E são medidas que me parecem despreparadas, por exemplo essa história de só deixar a pessoa pegar a barca se provar “isso ou aquilo”. Isso tem que ser feito, mas não dessa forma. O que está me impressionando muito, mesmo vindo de longe, são essas filas intermináveis para pegar os 600 reais na Caixa Econômica. A sensação que dá é de que é feito de propósito para criar filas e ajuntamento, para ir contra a ideia de confinamento, ou seja, falta uma coordenação, fica tudo meio solto, meio despreparado. Mas esse é um olhar que eu estou tendo a 10 mil quilômetros de distância e talvez esteja um pouco míope nesse olhar. Mas, de fato, quando eu abro o noticiário, e sabemos o quanto estamos lendo sobre o Corona, me dá, às vezes, a sensação de um certo despreparo. Mas, você tem razão: alguns governadores e algumas autoridades realmente estão percebendo, ou já perceberam há algum tempo, como é o útil e importante levar a sério o confinamento.

Eu vejo cenas da praia de Ipanema, no sábado ou no domingo, cheia de gente, os rapazes de calção, sem máscara, andando na praia como se fosse um dia bonito de verão. Eu acho que faltou no Brasil a coisa de interiorizar essas medidas, que são realmente importantes. Eu queria aproveitar que temos aqui o José Medeiros, pois não é todo dia que temos um “chinês” tão gabaritado quanto o José, “chinês potiguar”, e perguntar duas coisas. Primeiro, sobre você dizer que a China não vai quebrar economicamente, que ficaria por dois ou três anos nesse ritmo de confinamento. Aqui na Europa, na Alemanha não sei bem como é, mas pelo menos a França, Portugal e Espanha, não é questão de quebrar, mas a queda do PIB vai ser brutal. Eles já calcularam que na França que a cada mês de confinamento o PIB baixa de 3% a 4%. Eles já estão calculando que no período de volta às aulas normais, que seria setembro, outubro, se é que estaria tudo mais ou menos resolvido até lá, que terá uma

queda do PIB de 10% a 12%. E a crise econômica não é só isso, é também uma crise de demanda e de oferta. A indústria, muito parada, estão tentando recomeçar na segunda-feira, mas haverá uma crise de demanda e uma crise de oferta imensa. Eu não vejo a China quebrar, ou seja, ao invés de crescer de 5% a 7%, passe a crescer 1,5%, que já seria, ao meu ver, uma quebradeira. Não sei como você vê isso. E a segunda coisa que eu queria perguntar, como aqui houve muita dúvida num dado momento, se os dados da China eram confiáveis ou não. Quando você fala dessa cidade onde teria havido mil casos e uma só morte, de uma pessoa que morreria a qualquer momento, porque já tinha mais de 90 anos, esses dados são confiáveis? Eu vejo esses dois problemas, a questão da queda do PIB e da confiabilidade dos dados.

Professor José Medeiros: Sobre o PIB, o crescimento poderá ser até negativo, pois já caiu uns 5%. O que eu acho é que essa situação fará o mundo pensar sobre essa metodologia de calcular riquezas. Mesmo que a China apresente um PIB muito negativo, isso não significa que a China fique quebrada. Não significa que a qualidade de vida do povo vai ser reduzida drasticamente. Outra coisa é que a China tem poupança. Muita poupança. E tem uma economia voltada para as necessidades essenciais. O desenvolvimento e fortalecimento do Estado, em todos os aspectos, é voltado para a melhoria da vida real, como a compra de comidas, apartamento, carros, roupas.... E até mesmo essa indústria do setor de serviços já é uma indústria que se move pela conectividade. Por exemplo, eu não vou ao bar, mas eu compro o vinho de arroz. Eu compro qualquer coisa pela internet. Então, o impacto vai ser menor do que em outros lugares. Mas claro que terá um impacto, principalmente devido a dinâmica do mercado externo. Porém, a capacidade de resiliência chinesa é muito grande.

O segundo tópico, eu penso que num primeiro momento é bem possível que as autoridades locais de Wuhan tentaram esconder os dados. E teve também aquele caso famoso de um médico que alertou para a possibilidade de um surto e foi intimado pela polícia. Isso resultou na queda política do governador da província e do prefeito. Mas como se viu logo depois, a ordem (de Pequim) foi para revelar, passar os dados. Mas é possível que muitas informações possam ter sido ocultadas, especialmente pelos governos locais.

Penso que é importante observar a forma que a China tem atuado para o controle da epidemia, e no geral se percebe que esse controle foi muito eficiente. Claro que pode ter tido uma ou outra morte que não foi computada, mas é importante observar que não se pode mais esconder o caos, pois temos uma comunicação interna fluida. Então, internamente, pelos rumores, dá para saber se algo está anormal. A gente não vai ter as informações exatas, mas todo mundo está conectado com todo mundo. E as pessoas não estão proibidas de mandarem mensagem pelo WeChat, etc. e seria possível percebermos se alguma coisa estaria ou não fora da normalidade. Então acredito que os números podem até não serem exatos, talvez uma “prefeiturazinha” no interior escondeu os dados, é muito possível, mas não necessariamente por uma deliberação do governo central.

Professor Antonio Marcelo Jackson: Eu vou passar a palavra para Marina, já que estamos falando de economia, e depois quero ouvir também um pouco do Renato.

Marina Marques: Vamos brincar um pouco de futurologia. Acho que quando olhamos para a questão da economia, existem muitas facetas que podemos observar. A primeira coisa é a

queda da demanda, como a Rosa falou. Os países que conseguiram manter, de alguma forma, a demanda, vão se dar melhor. Aqui na Alemanha, por exemplo, para as pessoas que eram *freelancers*, empregadas em espaços de mais vulnerabilidade, o governo deu recursos, uma renda emergencial, mas foi uma questão de um dia ligar no número e dar o seu nome e a sua conta bancária, no dia seguinte o dinheiro estava na sua conta: não tinha fila nenhuma. Eu sei que na China, como o José falou do *voucher*, foi uma coisa que dependia dos governos locais, por exemplo, eu sei que o governo em Xangai, me parece, deu uma ajuda de 2500 por mês. Então, os países que, de alguma forma, conseguiram manter a renda, seja porque, como no caso do Reino Unido, garante 80% do salário dos trabalhadores, para garantir que ninguém fosse mandado embora, ou aqui no caso da Alemanha, com a saída emergencial, vão conseguir sair dessa crise melhor.

Agora, por exemplo o caso do Brasil, que está aprovado que o contrato de trabalho foi suspenso em sua forma tradicional, como que vai retomar o crescimento depois disso se as pessoas não estão empregadas. Será que os empregadores terão o mesmo estímulo para empregar as pessoas? Porque uma coisa é a pessoa já estar no seu emprego e retomar a produção. Outra coisa é pensar se não tenho mais esse custo, vou retomar essa situação? Eu acho que o Brasil vai demorar mais para retomar do que a Europa, do que a China. Um outro ponto são as redes globais de produção - acho que isso o Renato pode comentar um pouco mais a fundo. Começou-se a repensar a geração de valor no mundo. Será que a gente deve depender de tudo, um celular, cada partezinha é feita em um país diferente, e creio que as pessoas estão começando a pensar essa dependência mundial. Por exemplo, o Japão deu um incentivo para algumas indústrias voltarem a produzir no Japão. Porque a indústria, nesse caso, é essencial. É o caso do Brasil, que a gente conseguiu, e outros países também, mudar a capacidade produtiva de algumas empresas para produzir respiradores. Então os países que têm alguma capacidade produtiva conseguiram lidar melhor com a crise. Eu acho que é isso, a demanda, a capacidade produtiva, países que têm realmente uma indústria, que não liquidaram com as indústrias, conseguiram responder melhor. O terceiro ponto, que eu acho que é o caso especial da China, quanto tempo os países precisarão ficar parados. A China conseguiu estancar isso de uma forma mais rápida, então a produção já está voltando. Me parece que na Europa as coisas estão voltando agora, mas não numa velocidade tão rápida.

Países que lidaram mais rápido, talvez voltem ao crescimento. Está muito evidente que a gente precisa de um governo para coordenar a economia. Se deixarmos tudo para o setor privado, a retomada não vai acontecer e não vai acontecer da maneira que a gente precisa. Estou apresentando diversos tópicos para depois conversarmos. Mas, apesar de todo esse impacto para economia que o Coronavírus abriu, acho que surgiram possibilidades para alguns desenvolvimentos, talvez, mais progressistas. É a primeira vez que estamos considerando renda mínima universal. É a primeira vez que governos que nem tão progressistas viram que existe a necessidade de se fazer uma renda universal. Precisamos ter um empregador de última instância, alguém que pague salários em última instância. Então essa crise também abriu coisas que não estavam no vocabulário político-econômico de nenhum economista e de nenhum governo.

Renato de Gaspi: Se eu puder fazer um parêntese, eu vou voltar para o Brasil, mas eu queria falar só uma coisa da questão cultural que o professor Antonio colocou, eu concordo que existe um senso de nação nos países asiáticos. Mas eu acho que é importante colocar

que na Europa a quarentena está sendo mais rígida do que no Brasil, mas, por exemplo, eu passei a maior parte da quarentena na Hungria, eu estou aqui há cinco dias só, e a Hungria é um país que tem uma identidade nacional muito forte. Tem um histórico de disciplina muito forte também, porque eles foram um país socialista até 1989, uma geração inteira que ainda cresceu sob esse regime. Então você, em tese, teria essa disciplina.

E, ainda assim, essa questão do supermercado, por exemplo, as aglomerações em certos lugares do supermercado, geralmente no começo da compra a pessoa entra com a máscara bonitinha e mantém a distância. Mas na hora de pegar o pãozinho, a máscara já está abaixo, está todo mundo junto tentando pegar o mesmo pão e brigando pelo papel higiênico. Óbvio que na primeira semana, na segunda semana, as pessoas respeitaram um pouco mais, mas eu acho que para todos os povos existe um certo limite. Na Hungria isso chegou duas semanas antes de eu ir embora, já tinha muita gente na rua, já tinha muita gente saindo para tomar sol, até porque é raro sair o sol na Europa. Algo que tem que ficar claro é que a quarentena na Europa está sendo melhor do que no Brasil, mas aqui na Alemanha, por exemplo, agora as pessoas estão muito próximas umas das outras. Estão todos de máscara, mas ainda assim, os parques estão lotados. Então isso tem uma coisa do limite individual, a pessoa não aguenta, isso existe.

Marina Marques: Só um adendo nisso, eu acho que também um limite econômico, o governo alemão foi muito rápido em falar que a renda está garantida, mas não foi o caso do brasileiro, e o brasileiro falou - E agora? Eu vou ter que sair, eu tenho que trabalhar. - Aqui teve uma garantia de ficar em casa que a renda não vai faltar,

Renato de Gaspi: Voltando para o caso da Hungria, eu não gosto de ficar falando que o governo Orbán acertou em alguma coisa. Como eles começaram muito cedo a quarentena, eles, muito rapidamente, conseguiram colocar a curva sob controle, e muito rapidamente eles conseguiram fazer com que os negócios pequenos pudessem reabrir, dando mais estabilidade econômica para alguns tipos de negócio. E isso deu uma sustentabilidade para certos tipos de negócios pequenos, pessoas que estariam muito vulneráveis se ficassem sem algum tipo de proteção.

Agora, eu quero apontar algumas coisas que a Marina falou, sobretudo na questão da indústria, e também voltando para o caso da China, estamos vendo algumas coisas que estão ficando muito claras: a indústria volta mais rápido que os serviços. Isso já está ficando claro, por todos os dados que a gente tem. Se na indústria tem alguma demanda reprimida, principalmente na indústria de bens intermediários, no setor de serviços isso não existe. Eu vou cortar o cabelo uma vez, não vou cortar três quando a quarentena acabar. Isso não tem um efeito rebote. Se fosse viajar uma vez neste ano e uma vez no próximo, você não vai viajar duas vezes no ano que vem, essas coisas não têm esse rebote no serviço, eles demoram para se recuperar.

Países que têm a economia muito baseada em serviço vão penar por alguns anos, vai ser muito complicado, isso eu tenho alguma certeza. Pela indústria se recuperar mais rápido, eu acho que o Brasil está começando a compreender o tamanho do erro que foi cometido no final dos anos 1980, porque hoje você tem economistas liberais falando de reconversão industrial. Mas a gente vai reverter o que, se lá nos anos 1990 vocês defendiam que a gente tinha que transitar para o setor de serviços? Não existe reconversão industrial quando

you não tem parque industrial. O Brasil hoje tem 11% do PIB na indústria, já foi 30%. Talvez não tivéssemos nessa sinuca toda de ter que importar máscara e ter a máscara roubada pelos Estados Unidos, importar respirador, se a gente tivesse mantido algum tipo de base. Isso é outra coisa que eu queria falar, porque agora está todo mundo defendendo a reconversão industrial, mas quando era para defender a indústria, quando a gente ainda tinha, a gente não teve esses mesmos economistas que hoje estão pedindo reconversão. E mais importante do que isso, eu acho que também é importante dizer que, ainda assim, com a incipiente indústria que nós temos, ainda está dando para fazer alguma coisa.

Para ver como isso é poderoso, como isso é importante, que os países produzam, que os países reaprendam a produzir. Têm muitos países que com os anos desaprenderam a produzir por conta dessas cadeias globais de produção. “Se estivermos inseridos nas cadeias globais de valor, a gente está bem, a gente consegue importar tudo que a gente precisa e a gente exporta serviços de alta qualidade”. Mas hoje está ficando claro que isso é um pouco complicado de se fazer, ainda mais quando você tem um retorno do nacionalismo econômico, como nós temos agora.

A própria Europa, que se coloca como a grande instituição internacional, a grande união econômica internacional, já fez reuniões para decidir qual vai ser o auxílio comum. No micro, cada um faz o que pode, mas na hora de fazer uma dívida comum, eles têm dificuldade de coordenar.. Você tem os países periféricos dizendo que precisa ter uma dívida comum europeia, e está claro que toda aquela solidariedade europeia que a comissão europeia coloca, que os partidos mais eurofílicos do parlamento europeu colocam, não está acontecendo. Então, eu não estou fazendo uma ode à autarquia, mas eu acho que está ficando bem claro que esse discurso liberal mais extremo, até mais vulgar, de certa forma, que no Brasil e no leste europeu é muito forte está claramente se provando nocivo.

Uma coisa que eu queria perguntar para o professor Antonio, é se ele tem alguma ideia sobre como esse discurso liberal que está ficando famoso no Brasil, que vai e volta, se isso a partir de agora, no médio prazo, se isso ainda tem alguma chance de ganhar alguma coisa, porque na última eleição o Bolsonaro se vestiu de um discurso liberal para ganhar a eleição. Parece que o discurso ressoou com alguém, mas parece que, empiricamente, vai ter dificuldade. Isso é uma pergunta que eu queria fazer para o professor Antonio.

Professor Antonio Marcelo Jackson: Bom, Renato, olha, eu vou responder e, lamentavelmente, nós chegamos já no nosso limite de tempo, então minha resposta vai ser já com o encaminhamento, mais à frente, às palavras finais da Rosa, da Marina, você e o José.

Respondendo a você, há poucos dias atrás aconteceu quase o “retorno de Jesus à terra”, em que uma determinada emissora de TV por assinatura, vinculada à maior rede de televisão do país, fez algo que eu nunca tinha visto: depois de um pouco mais de um ano de um determinado governo chamou todos os candidatos que perderam a eleição para debater a situação do país. Isso eu nunca tinha visto. Somando-se a isso, vejo o Amoêdo, o ultraliberal Amoêdo, defendendo o bolsa família, a renda mínima e a presença do Estado na economia. O que acontece é que o liberal, no Brasil, se parece muito com aquilo que no Brasil Império se falava cotidianamente: “não existe nada mais parecido com um conservador do que o liberal no poder”. Então, no Brasil não existe nada mais parecido com

o Estado em plena ação do que um liberal precisando de dinheiro, porque a iniciativa privada no Brasil ainda não chegou no capitalismo, ela ainda está lá no mercantilismo, ainda está no século XVIII. O nosso empresariado, com raras exceções chama o Estado quando se vislumbra a primeira crise no horizonte. Conforme disse agora há pouco, vendo o Amoêdo falar daquela forma, eu não sabia se chorava, se ria, se tinha uma convulsão: parecia uma grande brincadeira. Você não sabe o que faz numa hora dessas. E quando você vê um sujeito trocando de opinião como troca de camisa, fica difícil.

Mas, infelizmente nosso tempo se esgotou, primeiro agradecer muito a presença de todos aqui: Rosa, em Paris, Marina e Renato, em Berlim, José, em Hangzhou, eu aqui em Niterói, e passar essa rodada final para as palavras de encerramento da Rosa, da Marina, do Renato e ao José. Rosa, por favor, a palavra é sua, mais uma vez, muitíssimo obrigado.

Rosa Freire d'Aguiar: Obrigada a vocês e eu só queria fazer algumas pequenas considerações sobre o que a Marina falou. Aqui na França também foi o mesmo esquema, o governo está dando ajuda desde que começou o confinamento. Tudo se faz em termos de bilhão de Euro, bilhão de Euro para cá, bilhão de Euro para lá, nas grandes empresas, como Air France, a Renault. Chegou a se falar em uma nacionalização provisória, transitória ou temporária. Houve um pacote imenso de ajuda, como também na Alemanha, para o desemprego parcial, que o governo banca 85% do salário, tudo isso aconteceu. O que está voltando aqui, e é uma surpresa, é um vocabulário que remete um pouco – e eu estou falando isso porque eu estou vendo muita coisa do Celso nesse momento - remete um pouco ao debate desenvolvimentista nacionalista dos anos 1950, 1960, antes do golpe militar e remete também ao final da Segunda Guerra. Você começa a ver artigos no Le Monde, no Figaro, na rádio e na televisão de gente que volta a falar em desglobalização, em Estado interventor, em Estado protetor e em planejamento. São temas que tinham sumido completamente nos últimos anos com governos mais liberais, então é um mundo que vem por aí, eu acho que eu sou muito mais velha, mas vocês vão viver muito esse mundo que vem por aí, que mundo será esse?

Pode ser que não mude nada, pode ser que tenha gente que ache que vai continuar tão ruim quanto. Eu acho que algumas coisas vão mudar, eu acho que a dimensão ecológica vai se impor de vez, e a coisa do consumo, o Renato estava falando da produção de grandes fábricas, eu não sei se a gente vai continuar a ter tanto carro como tem hoje, eu não sei se a produção de carro vai continuar igual a de hoje, eu começo a ter dúvidas sobre isso. Isso é o lado bom, digamos, mas terá muita quebradeira ainda. Eu acho que a gente vai encontrar pela frente uma recessão muito, muito forte. Agora, para não desanimar, a gente tem que aprender alguma coisa com isso. O que é que vai ser, eu não sei. Mas pelo menos se essa dimensão ecológica voltar, junto ao planejamento. Sempre quando se fala em planejamento, tem gente que ainda pensa em planejamento estatal soviético, mas não é esse planejamento, inclusive, que o Celso defendeu. É o planejamento dentro da democracia, e eu acho que será possível fazer, vamos torcer. Eu vou acompanhando o trabalho de vocês, sobretudo dos nossos jovens berlinenses, e ver o que podemos ver pela frente. Agradeço muito ao Marcelo, José, Renato e Marina, vamos marcar um encontro depois que acabar o confinamento, no dia da libertação a gente marca. Obrigada a vocês.

Professor Antonio Marcelo Jackson: Com certeza, Rosa, eu que agradeço, agradeço sempre. Marina, sua despedida neste Fórum, por favor.

Marina Marques: Obrigada por esse debate muito rico, foi muito gostoso compartilhar essas ideias com vocês. O que a Rosa comentou, na verdade eu estou estudando o sistema financeiro internacional, e às vezes eu tenho a sensação de que a gente está, intelectualmente, num *looping* eterno, talvez pela falta de ler os grandes clássicos, mas a gente está sempre num *looping* eterno de redebater sistemas. É isso, um grande abraço para todos e, no próximo Fórum, estarei aqui também.

Professor Antonio Marcelo Jackson: Muito obrigado, Marina. Renato, meu amigo.

Renato de Gaspi: Então, eu não vou fazer grandes considerações finais, eu só quero dizer que foi muito bom, quero agradecer muito a oportunidade, foi muito bom debater com vocês, é um privilégio poder, em uma situação tão difícil como essa, nos reunirmos assim. Conversar e debater ideias. Eu queria puxar esse gancho, realmente, estamos voltando para esse debate desenvolvimentista mesmo. É um debate que é antigo, mas continua tão atual quanto, porque, no final das contas, é a linha divisória, o que divide um tipo de política de outra, e as consequências econômicas e políticas disso são importantes. Então, num momento de crise como esse, no qual as possibilidades de mudança se abrem, seja para um lado ou para o outro. A gente está vivendo um momento bastante liberal, talvez retornar algumas ideias mais desenvolvimentistas ou pelo menos de planejamento, para que você não seja “pego de calças curtas”, como foi agora. Então, agradecer todo mundo e é isso.

Professor Antonio Marcelo Jackson: Muito obrigado Renato. Meu querido amigo José Medeiros, por favor, suas considerações.

Professor José Medeiros: Quero registrar a felicidade de estarmos aqui juntos a pensar sobre essa tão difícil situação. E há muitas coisas para pensar. Primeiro, sobre o Brasil, eu acho que nenhum governante acertou. Nem o Dória, governador de São Paulo; nem o Witzel, governador do Rio de Janeiro; e o Bolsonaro, muito menos. Ninguém acertou em lidar com essa pandemia no Brasil, ninguém. Não foram racionais em fechar e não foram racionais em abrir. Não foram racionais em nada. Então, a situação no Brasil é a seguinte: aproveitaram da crise para intensificar uma luta política que está em curso. E ela não cessou, pelo contrário, se agravou em todas as esferas, mas isso é um outro debate.

Nem no momento de uma situação tão difícil para o nosso povo, os políticos de plantão foram capazes de realmente atuar em benefício do povo. Essa é a minha visão do Brasil, talvez uma visão distanciada.

Sobre a China, ela tem o seu próprio caminho. A China e esses países da Ásia criam suas próprias soluções...

Mas, uma coisa é certa, a chegada desse vírus exige novas mentalidades para se pensar esse novo mundo que está saindo dele.

Professor Antonio Marcelo Jackson: Bom, eu sempre me vejo como um coordenador e como um mediador dos Fóruns como um problema enorme, porque citamos inúmeras coisas, temos diversas informações, e não se consegue, várias vezes, aprofundar naqueles assuntos. Mas, de qualquer maneira, só em citações já nos faz pensar. A Marina colocou vários pontos aí que realmente, a cada ponto desse já valeria um Fórum. Renato, a mesma coisa. José, com seus comentários também. A Rosa, nem preciso dizer. Fiquei pensando

em como terminar esse Fórum de hoje e me lembrei que há poucos dias atrás assisti Rosa numa entrevista fantástica a respeito dela como tradutora, para a editora que trabalha, e a última pergunta que a entrevistadora fez foi qual foi a tradução que ela mais gostou, que ela mais se sentiu profissionalmente perfeita. E ela disse que foram os “Ensaaios” de Michel de Montaigne. Com isso, lembrando de Montaigne, eu encerraria o Fórum de hoje da seguinte maneira: se algum dia alguém me perguntar por que chamamos essas pessoas, por que José, por que Rosa, por que Marina, por que Renato, eu vou dizer: “porque eram eles, porque era eu”. É por isso que esse Fórum aconteceu. E que seja assim para sempre, para todas as ocasiões. Muito obrigado a todos vocês, e até um próximo Fórum.